

Reitores anunciam ZERO de reajuste e jogam a crise nas nossas costas!!!

O comunicado nº 5 do Cruesp (Conselho dos reitores das universidades estaduais paulistas) fecha unilateralmente a campanha salarial, anunciando que não haverá reajuste. E ainda, tomando como base a lei complementar aprovada no congresso e sancionada pelo Bolsonaro de ajuda aos estados, deixam a entender que manterão o congelamento no mínimo até dezembro de 2021. A referência à lei complementar é completamente cínica, já que a decisão dos reitores em conceder zero de reajuste foi tomada antes da aprovação da lei.

Esse comunicado é mais grave se levarmos em consideração que não houve qualquer negociação. Ocorreu apenas uma reunião entre o Cruesp e o Fórum das Seis, e

o tema central debatido foram as medidas de enfrentamento à pandemia. Tendo em vista a quarentena e a necessidade de manutenção do isolamento social, o que dificulta a realização de assembleias das categorias. O Fórum das Seis solicitou ao Cruesp o adiamento da campanha salarial, a ser retomada assim que as atividades retornassem. Os reitores, por sua vez, negam sequer voltar a discutir o tema, bem como, mesmo no tocante às medidas de enfrentamento à pandemia, negaram-se a estabelecer um compromisso de receber as entidades dos trabalhadores para discutir os temas necessários, como manutenção do isolamento e protocolos de retorno.

Nossas perdas só aumentam!

É importante lembrarmos que desde 2014 não temos sequer o reajuste da inflação do ano. De acordo com os cálculos do Fórum das Seis, nossas perdas acumuladas já estão na casa dos 20%. Isso significa que para quem ganha um salário de 4 mil, por exemplo, tem uma perda de 800 reais por mês. E mesmo nos anos em que tivemos algum tipo de reajuste, sabemos que não é o suficiente para efetivamente recuperar as perdas, pois elas se dão mensalmente, e não anualmente, como é nossa data-base. E sentimos no bolso que a inflação nos itens básicos é bem maior do que os índices oficiais apontam.

Isso demonstra que manter o salário congelado não significa manter o poder de comprar do salário. É perda também! Sobretudo se a inflação disparar, como é possível que ocorra nos próximos meses.

Além disso, os funcionários que estão no piso da carreira, atualmente, ganham um salário baixo, que mal chega a dois salários mínimos. Por isso nós vínhamos trabalhando nessa campanha salarial com uma proposta de reajuste somado a um valor fixo, como forma de elevar o piso da categoria e os salários mais baixos.



Vale lembrar que os mesmos burocratas que hoje correm para anunciar que vão deixar nossos salários congelados, foram os

mesmos que aplaudiram a elevação do teto salarial dos docentes, que passou de 23 mil para 39 mil.

Reitores demonstram sua covardia

Os reitores foram rápidos em anunciar o zero de reajuste. Mas até agora não fizeram nenhuma exigência pública para o governo do estado para que sejam garantidas as finanças necessárias para o funcionamento das universidades. O plano de ajuda aos estados aprovado pelo congresso não garante, por si só, a destinação dos recursos para nenhum setor afora a saúde, muito menos para as universidades. Certamente

teria um peso político um manifesto dos reitores defendendo a garantia dos recursos necessários para todo o serviço público, incluindo as universidades, e por essa via também para a pesquisa. Demonstram, ao contrário disso, uma postura subserviente e passiva diante da crise! Com os trabalhadores são valentes, com o governador abaixam a cabeça!

Unificar a luta para garantir nosso emprego e renda

O congelamento dos salários, como o próprio comunicado do Cruesp aponta, é parte dos projetos do governo Bolsonaro para retirar direitos dos trabalhadores em plena pandemia. Conforme o ministro Paulo Guedes disse em reunião ministerial gravada, os funcionários públicos são vistos por esse governo como inimigos, e o congelamento é a granada que eles jogaram no nosso colo.

Também no caso da iniciativa privada, o governo e o congresso permitiram a suspensão dos contratos e rebaixamentos salariais.

Para essa corja, não importa a vida dos trabalhadores, já que não garantem condições mínimas para uma quarentena efetiva, e ainda aproveitam da situação para nos atacar ainda mais.

A situação é difícil, mas não devemos agradecer pelo mínimo, que é a manutenção dos nossos empregos!

Apesar das limitações momentâneas que a pandemia gera, no sentido da organização de lutas mais amplas, devemos começar a preparar a nossa reação aos ataques, unificando todos os trabalhadores, tanto do funcionalismo quanto da iniciativa privada,

pra exigirmos estabilidade no emprego para todos, manutenção de salários e benefícios, com reajuste salarial que recomponha perdas, e no momento da pandemia também exigirmos um auxílio decente para os trabalhadores informais e desempregados

E a nossa carreira?

Muitos trabalhadores reagiram com surpresa e indignação ao edital publicado através do Ofício GVR 6 que estabelece os prazos e critérios para progressão horizontal na carreira docente. Nós não somos necessariamente contrários a que os docentes tenham suas formas de ascensão

na carreira mantidas, mas isso não pode ser um privilégio. A nossa carreira, por exemplo, não tem movimentação desde 2013. Vale lembrar que no Conselho Universitário do ano passado foi aprovada verba para a movimentação horizontal também da carreira de funcionários. Cadê a nossa?

Carreira não substitui reajustes

Apesar de considerarmos justo cobrarmos a movimentação da nossa carreira, a exemplo do que a reitoria abriu para os docentes, reforçamos mais uma vez que não

podemos cair no erro de substituir a luta coletiva da categoria pelo reajuste dos nossos salários por uma tentativa individual de ascensão na carreira.



A verba aprovada para a carreira é absolutamente insuficiente e contemplaria uma parte minoritária da categoria. Isso sem falarmos que normalmente os processos de

avaliação acirram a competição entre os funcionários, o que acaba por incentivar a divisão, que só ajuda os patrões a imporem, para a maioria, arrocho e perdas salariais.

Por uma carreira efetiva

De fato é muito negativo um funcionário que entra em um local de trabalho e não sabe exatamente quais as possibilidades que ele tem de subir na carreira. Por isso precisamos discutir uma carreira que tenha critérios claros e objetivos. Na implementação da nossa carreira atual, os processos de avaliação eram absurdos, pois basicamente ficava a cargo da subjetividade das chefias a atribuição das notas, e muitas vezes os chefes concorriam no mesmo grupo

com os seus subordinados.

O funcionário precisa saber que se ele alcançar tal ou qual qualificação, se atingir um determinado tempo de trabalho, ele vai ter uma ascensão. Da maneira como é hoje, na prática não temos carreira, vivemos de momentos esporádicos de avaliações que muitas vezes só servem para favorecer as panelas já criadas em tornos de alguns cargos de peso nas unidades.

CCRH precisa se reunir

Para cobrarmos essa questão da carreira e outros temas ligados aos funcionários, o Sintusp vai enviar mais uma vez um ofício solicitando a reativação da Comissão Central

de Recursos Humanos. A eleição para os representantes ocorreu em novembro de 2019 e até agora não houve nenhuma reunião.



O MOMENTO PEDE SOLIDARIEDADE

O Movimento Social e Entidades da Universidade de São Paulo formaram uma Rede de arrecadação de recursos para distribuir cestas básicas de alimentos, produtos de higiene e máscaras, com ajuda de cadastro, entre comunidades e famílias que, com o Coronavírus, tiveram sua renda reduzida.

Doações no Banco do Brasil em nome da:

Adusp - Associação dos Docentes da USP

CNPJ: 51.688.943/0001-90

Agência: 4328-1 / Conta Corrente: 117-1

Via Transferência ou Depósito Bancário



REINTEGRAÇÃO DO BRANDÃO E RETIRADA DOS PROCESSOS!

Sede Fernando Legaspe (Fernandão) Av. Prof. Almeida Parado, 1362, Cidade Universitária, Butantã, São Paulo-SPCEP: 05508-070 - Tel: 3091 4380/4381 - 3814-5789- email: sintusp@sintusp.org.br – site: www.sintusp.org.br